

## O GRAU DE INTERNALIZAÇÃO DAS BIBLIOTECAS DO ENSINO SUPERIOR EM PORTUGAL: UM ESTUDO PILOTO

*INTERNALIZATION LEVEL OF PORTUGUESE HIGHER EDUCATION LIBRARIES: A PILOT STUDY*

### Alicia Arias Coello

Doutora em Biblioteconomía y Documentación pela Facultad de Ciencias de la Documentación. Universidade Complutense de Madrid, Espanha (UCM). Professora da UCM. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7164-2025> E-mail: [aarias@ucm.es](mailto:aarias@ucm.es)

### Ana Lúcia Terra

Doutora em Ciências Documentais e Mestre em História Moderna pela Universidade de Coimbra, Portugal (U.C.). Investigadora do CEIS20 – Centro de Estudos Interdisciplinares, Portugal <https://orcid.org/0000-0003-1292-2849> E-mail: [anaterre@fl.uc.pt](mailto:anaterre@fl.uc.pt)

### RESUMO

Partindo da constatação de que a internacionalização do ensino superior, em várias vertentes, tem vindo a ganhar visibilidade e importância significativa desde meados do século XX, apresentam-se os resultados de um estudo sobre o papel das bibliotecas académicas portuguesas neste processo. É feita uma breve revisão da literatura sobre a temática da internacionalização no ensino superior e nas bibliotecas académicas, em específico, sublinhando que se trata de um campo de estudo emergente e com relevância crescente. O sistema de ensino superior português é brevemente apresentado, no sentido de contextualizar as suas bibliotecas académicas e verificar que as práticas de internacionalização destes serviços de informação são pouco visíveis na literatura disponível. De seguida, são apresentados os resultados de entrevistas realizadas a seis responsáveis de bibliotecas de ensino superior. São tratados dados relativos à estratégia de internacionalização, aos recursos humanos envolvidos, às atividades de internacionalização e de cooperação, aos utilizadores (estudantes e professores/investigadores) e ao financiamento. Também é feita a análise das perspetivas pessoais dos entrevistados sobre o papel da biblioteca neste âmbito e sobre o seu conceito de internacionalização. Nas conclusões, sublinha-se a necessidade de as bibliotecas desempenharem uma ação mais significativa e visível no processo de internacionalização da instituição de ensino superior à qual estão vinculadas.

**Palavras-chave:** bibliotecas académicas; internacionalização; ensino superior.

### ABSTRACT

As several aspects of higher education internationalization has gained visibility and significant importance since the mid-twentieth century, the results of a study on the role of Portuguese academic libraries in this process are presented. A brief literature review on the topic of internationalization in higher education and in academic libraries is made, emphasizing it as an emerging and increasingly important field of study. The Portuguese higher education system is briefly presented to contextualize its academic libraries and to verify that the internationalization practices of these information services are scarcely visible in literature. The results of interviews with the heads of six higher education libraries are presented. Data on the internationalization strategy, human resources involved, in-

ternationalization and cooperation activities, users (students and professors/researchers) and funding are discussed. The analysis of personal perspectives from the interviewees regarding the library's role in internationalization and their views about this concept is undertaken. The conclusions emphasize the need for libraries to play a more significant and visible role in the internationalization process of the higher education institution to which they belong.

**Keywords:** academic libraries; internationalization; higher education.

## 1 INTRODUÇÃO

Em 2013, a Comissão Europeia apresentou ao Parlamento Europeu, ao Conselho Europeu, ao Comité Económico e Social e ao Comité das Regiões um documento COM sobre o ensino superior europeu no mundo (Comissão Europeia, 2013), sublinhando que a internacionalização das instituições universitárias e de ensino superior devia ser uma realidade prioritária. Segundo o documento, as estratégias para atingir os objetivos da internacionalização devem estar orientadas para que os estudantes do ensino superior possam desenvolver as competências e os conhecimentos que os tornem competentes no mundo global, no qual vão ter de desempenhar a sua atividade profissional.

Assim, a internacionalização do ensino superior deve ser entendida como um processo que tem por objetivo integrar, numa dimensão internacional, a interculturalidade, as atividades de ensino-aprendizagem, a investigação e os serviços dirigidos à comunidade. A qualidade e a eficiência de todas estas componentes no âmbito da internacionalização constituem-se como fatores de êxito das instituições de ensino superior, enquanto elementos imprescindíveis para uma sociedade baseada na economia do conhecimento, o qual se apresenta como matéria-prima que deve promover um modelo de desenvolvimento e crescimento social sólido e estável.

Nesta abordagem, as bibliotecas académicas, como serviços de apoio básico ao ensino e à investigação, assumem um grande protagonismo, mas exigem-se igualmente mudanças na missão e na visão que assumem como suas. A política destes serviços de informação deve operar uma mudança na cultura dos seus profissionais bibliotecários que devem centrar o foco das suas atividades nas necessidades e nas expectativas dos seus utilizadores. Para o efeito, devem ser usados meios que permitam a estes profissionais conhecer ativamente os seus utilizadores, agrupando-os conforme as suas necessidades e expectativas, de forma a tornar a biblioteca um serviço proativo de apoio a estudantes, docentes, investigadores e à própria instituição de ensino superior. Esta perspetiva focada nos utilizadores, de acordo com os princípios de gestão da qualidade, criará um contexto propício para que os bibliotecários interiorizem a necessidade de reorientar os serviços já

existentes e de criar novos, participando ativamente na estratégia de internacionalização das suas instituições, usando para o efeito as possibilidades oferecidas pelas Tecnologias de Informação e Comunicação.

Tendo em conta este cenário, foi conduzido um estudo piloto para analisar a temática da internacionalização nas instituições de ensino superior em Portugal. De seguida, depois de uma revisão da literatura sobre esta matéria, será apresentada a metodologia aplicada na recolha de dados e será feita a análise e discussão dos resultados.

## **2 A INTERNACIONALIZAÇÃO NO ENSINO SUPERIOR**

O nível de internacionalização das instituições de ensino superior vai além dos programas de mobilidade de estudantes, docentes e colaboradores da biblioteca ou dos órgãos de gestão e outros serviços, ou da assinatura de acordos internacionais. Atualmente, é necessário ter em conta outros aspetos que devem ser desenvolvidos no âmbito das instituições de ensino superior, como por exemplo, a atualização dos planos de estudos, a internacionalização da investigação, a criação de cursos em parceria com instituições estrangeiras, a criação de campus transnacionais, o desenvolvimento de sistemas internacionais de garantia e gestão da qualidade, a avaliação e acreditação internacional dos cursos e das instituições, a presença e o lugar ocupado em classificações internacionais (*rankings*), a troca de experiências e boas práticas, ou a empregabilidade e o empreendedorismo, entre outros.

Desde meados do século XX, é possível encontrar a temática da internacionalização das universidades e do ensino superior tratada na literatura científica especializada. O trabalho de Brown (1950) foi pioneiro ao sublinhar que as universidades precisam de ter de novo em conta um dos seus objetivos originais: a universalidade do conhecimento.

Mais tarde, na década de oitenta, a preocupação em desenvolver atividades de internacionalização nas universidades foi tomando um lugar cada vez mais significativo na reflexão e na ação das instituições de ensino superior. Contudo, é a partir da década de noventa que se encontram os contributos mais relevantes. Destaca-se o trabalho de Kerr (1994), o qual, seguindo a linha traçada por Brown, assinalou que estava a nascer o que ele denomina de “universidade cosmopolita”<sup>1</sup>. Com efeito, na sua opinião, naquela altura, ocorria o que o autor considerava uma reconversão das universidades, pois assistia-se a um regresso ao modelo convergente que a universidade tinha há 500 anos, o qual estava focado no ensino internacional.

De Wit (1995) situa a perspetiva da internacionalização no âmbito da gestão estratégica da universidade. O autor publicou um trabalho onde apresenta os resultados de um

<sup>1</sup> Aspas das autoras.

conjunto de conferências onde o tema foi debatido, em 1994, com ênfase no desenvolvimento de estratégias por parte das instituições de ensino superior para conseguir maior internacionalização, o que segundo ele implicava obrigatoriamente a reformulação das três missões das universidades: ensino, investigação e serviços à comunidade. Os debates centraram-se nos seguintes temas: estratégias para a internacionalização do ensino superior; perspectivas históricas e conceptuais, com foco nas experiências das universidades dos EUA, da Europa e da Austrália; os contextos institucionais da política internacional de ensino superior nos EUA; a internacionalização do ensino superior na Europa; reflexão e debates sobre um estudo nacional relativo à internacionalização das universidades canadianas e a internacionalização do ensino superior na Austrália. De Wit (1995) foi o primeiro autor a apresentar uma visão global da internacionalização das universidades, concebendo também uma linha de pesquisa mais específica sobre esta vertente da gestão estratégica das universidades, assim aprofundou o seu trabalho sobre a internacionalização do ensino superior, com enfoque no contexto digital, através de um novo estudo internacional, em 2015, envolvendo dez países europeus e sete de outras partes do mundo (WIT et. al, 2015).

Na mesma época, Muller (1994) considerou que, ao estarmos integrados numa era da informação, nesta sociedade havia condições adequadas para atingir o objetivo de desenvolver um mercado global de ideias, dados e comunicação. De acordo com este autor, o conhecimento, enquanto compreensão, deve ser a base da universidade. Ainda assim, sublinha que a universidade se tem focado quase totalmente no conhecimento dos estudantes, relegando para segundo plano a compreensão desse conhecimento. Contudo, insiste que com a sociedade da informação veio igualmente a globalização e que esta, inevitavelmente, leva as instituições de ensino superior a enfatizar a compreensão, conseguindo desse modo uma fusão entre conhecimento e compreensão. Neste seu trabalho, Muller (1994) refere-se ao conhecimento como aquilo que o aluno estuda e que, muitas vezes, não compreende plenamente. Neste pressuposto, aconselha a que se melhore o nível de compreensão, ensinando os alunos a aplicarem os seus conhecimentos.

Já no século XXI, as pesquisas e estudos realizados sobre a internacionalização das universidades evidenciam que as primeiras instituições de ensino superior que elaboraram estratégias nesta matéria são oriundas da Austrália, Canadá, Europa e EUA.

Knight (2005) alertou para o facto de que, num mercado global, as universidades não são os únicos organismos que oferecem cursos e formação académica no país de origem do estudante, pois existem outras entidades, nacionais e estrangeiras, que atuam no mesmo âmbito. A autora sublinha que os meios de comunicação social, as empresas de Tecnologias da Informação e Comunicação, bem como novas associações de organismos

públicos e privados, entre outros, dedicam-se cada vez mais a proporcionar serviços de ensino. Esta situação implica o surgimento de diversos concorrentes, que as universidades não tinham até então.

Neste cenário de mudança, alguns organismos oficiais trabalham atualmente na criação de um quadro e de objetivos para o fenómeno da internacionalização. De entre eles, pode destacar-se a European Association for International Education, a European University Association, a Association of International Educators (NAFSA), o American Council on Education e a Comissão Europeia.

### **3 A INTERNACIONALIZAÇÃO DAS BIBLIOTECAS DE ENSINO SUPERIOR**

A partir da década de 1990, começam a ser publicados alguns trabalhos sobre o fenómeno da internacionalização das bibliotecas. No geral, estes estudos abordam aspetos relacionados com protocolos e projetos realizados pelos colaboradores das bibliotecas universitárias, no seguimento e enquadradas nas iniciativas de internacionalização das próprias universidades. Destaca-se o trabalho de Brogan (1990), onde se defende que as bibliotecas universitárias devem mudar o seu modo de atuar, posicionando-se numa visão mais global dos serviços, fazendo um paralelo com as editoras que já haviam assumido uma posição global e internacional. Para ilustrar a sua proposta, o autor exemplifica referindo que uma obra de um autor norte-americano é publicada por uma empresa multinacional com sede nos Países Baixos e impressa na Coreia. Face a esta realidade, os bibliotecários devem conhecer a dinâmica do novo mercado internacional, interiorizando esta tendência de forma a reformular os processos internos das suas bibliotecas, em específico da preservação, do desenvolvimento das coleções e da catalogação.

Em 1993, Bliss publicou um estudo onde afirmava que a informação transcende o tempo e o espaço e isto, graças às Tecnologias de Informação e Comunicação, faz com que as universidades ofereçam à sociedade uma mais valia na rapidez de transmissão da informação, promovendo mais desenvolvimento (BLISS, 1993). Assim, as bibliotecas universitárias, e os seus colaboradores, devem ter em conta esta necessidade social e aprender a utilizar os novos dispositivos e ferramentas disponíveis, porque as bibliotecas são centros de informação fundamentais para o desenvolvimento do conhecimento.

Becker, centrando-se no contexto australiano, procurou elucidar o papel dos bibliotecários académicos no processo de internacionalização do ensino superior (Becker, 2006b; 2006a). O seu trabalho constitui uma súpula de várias iniciativas de análise das atividades de internacionalização das bibliotecas académicas australianas, incluindo a distribuição de um inquérito e a realização de entrevistas focadas em dois estudos de caso. Genericamente, as conclusões apontam para a existência de um grau elevado de colaboração internacional,

frequência de eventos/conferências internacionais e formação orientada para uma perspectiva internacional/multicultural. Já a mobilidade internacional dos colaboradores das bibliotecas acadêmicas não se afigura como muito significativa e também não há evidências que sustentem uma atenção especial para aquisição de uma segunda língua, mas deve atender-se ao contexto linguístico do estudo, onde o inglês é língua oficial. A autora sublinha ainda que a participação dos responsáveis pelas bibliotecas em organizações internacionais da área e em grupos de trabalho sobre a estratégia da instituição de ensino superior promove a concretização de iniciativas de internacionalização nos serviços dos quais são responsáveis. Adicionalmente, enfatiza que a internacionalização das bibliotecas acadêmicas e do ensino superior tem de ser abordada no contexto mais lato da globalização.

Kutner (2009) centra o seu trabalho nos resultados de um inquérito dirigido aos estudantes norte-americanos de diversas instituições de ensino superior a estudar na Costa Rica. O inquérito foca essencialmente o nível de conhecimento dos estudantes relativamente aos serviços oferecidos pela biblioteca da sua universidade de origem e da confiança que depositavam nesses serviços. Os resultados revelam que os estudantes dos EUA apresentam um certo grau de desconhecimento no que respeitava à possibilidade de interação com as bibliotecas das suas instituições. Nesse sentido, o artigo apresenta recomendações para melhorar os serviços direcionados para os estudantes no estrangeiro. Incentiva a promoção dos serviços das bibliotecas acadêmicas junto dos estudantes em mobilidade fora da sua instituição de origem, apresentando algumas sugestões oriundas dos inquiridos, como garantir a possibilidade de contacto por email com os bibliotecários, informar os estudantes sobre como aceder aos recursos da biblioteca estando no estrangeiro, dar a conhecer os serviços disponíveis antes de os estudantes saírem em mobilidade ou criar um tutorial com informações úteis.

Por seu lado, Witt, Kutner e Cooper (2015), através da aplicação de um questionário respondido por 202 bibliotecas acadêmicas dos EUA, concluem que estes serviços podem desempenhar uma miríade de papéis na internacionalização das instituições de ensino superior a que pertencem. A sua amostra evidenciou que as bibliotecas são frequentemente envolvidas nos esforços de internacionalização das suas instituições, estando representadas nos grupos de trabalho formalmente criados para o efeito, ainda que esta participação tenha intensidades distintas consoante cada instituição de ensino superior. De qualquer modo, o enfoque dos autores vai para uma mudança de posicionamento das bibliotecas acadêmicas ao referirem

The challenge is moving from facilitators of authoritative knowledge exchanges into the knowledge creation processes. This can take the form of serving on international grant-funded teams, given our expertise in, for instance, data creation. Or our new roles could place us in classrooms as co-teachers of discipline based

inquiry, which draws ideas and inspirations from the international scholarly ecosystem. We must also ensure that we maintain a diversity of perspectives in our collections, reflective of the increasing diversity of our campus constituencies. Relatedly, we must purposefully extend our collective cultural competencies so as to assure all campus stakeholders feel welcomed and enabled in our virtual spaces and physical places (WITT, KUTNER, COOPER, 2015, p. 603).

No mesmo ano, Bordonaro e Rauchmann (2015) analisaram as atividades de internacionalização de uma amostra de bibliotecas alemãs, enfatizando uma comparação com as práticas da América do Norte e refletindo sobre o papel da língua inglesa neste processo. A sua recolha de dados foi realizada através de cinco entrevistas a bibliotecários académicos alemães e de um questionário com 78 respostas de bibliotecas académicas deste país. Em termos de resultados, salientam o facto de a maioria dos respondentes indicarem que na sua biblioteca não existia um profissional dedicado especificamente ao trabalho com os estudantes internacionais e de predominar o uso do inglês na comunicação com os estudantes estrangeiros, havendo incentivos para que os colaboradores frequentem aulas de inglês. A maioria das respostas obtidas indica ainda que a internacionalização constitui uma prioridade da instituição de ensino à qual a biblioteca académica pertence, mas que eles próprios não apresentam uma definição formal do conceito de internacionalização.

O intercâmbio entre profissionais de duas bibliotecas académicas, uma sueca e outra norte-americana, enquadrado no contexto global do projeto de internacionalização de ambas as universidades é descrito por Somerville, Cooper, Torhell, & Hashert (2015) the academic libraries at Linnaeus University, Sweden and University of Colorado Denver, USA have collaboratively created a programmatic approach for staff exchanges and associated projects. This initiative occurred within the larger framework of university internationalization goals and cultural competency requirements. In addition, both libraries were experiencing significant workplace changes, including newly designed facilities, programs, and services, which required that staff members learn to see their organizations and understand their roles in new ways. As the exchange program evolved, formal comparison studies complemented informal exchange observations about similarities and differences between the two library organizations. Resulting insights altered traditional worldviews and professional assumptions of both host and exchange participants. In addition, cultural competencies were further exercised through collaborative projects that benefit the increasingly diverse faculty and student constituencies at both home institutions. Concluding reflections suggest considerations for organizations considering international exchanges for staff members “at home in the world.” © 2015, © The Author(s). Além de descreverem o processo logístico da mobilidade entre colaboradores das duas instituições, os autores sublinham a relevância do envolvimento e da coordenação dos responsáveis por

ambas as bibliotecas na dinâmica desta iniciativa de internacionalização, a qual fortaleceu não só as bibliotecas envolvidas mas também, num nível mais global, as universidades em que cada qual se insere, enriquecendo igualmente as atividades de ensino-aprendizagem e a investigação. Concluem, pois, que “results confirm that the international library staff exchange has enhanced creativity, generated ideas, furthered innovation, and fostered relationships that enrich staff members’ ways of experiencing the world more deeply and broadly” (SOMERVILLE *et al.*, 2015, p. 332) the academic libraries at Linnaeus University, Sweden and University of Colorado Denver, USA have collaboratively created a programmatic approach for staff exchanges and associated projects. This initiative occurred within the larger framework of university internationalization goals and cultural competency requirements. In addition, both libraries were experiencing significant workplace changes, including newly designed facilities, programs, and services, which required that staff members learn to see their organizations and understand their roles in new ways. As the exchange program evolved, formal comparison studies complemented informal exchange observations about similarities and differences between the two library organizations. Resulting insights altered traditional worldviews and professional assumptions of both host and exchange participants. In addition, cultural competencies were further exercised through collaborative projects that benefit the increasingly diverse faculty and student constituencies at both home institutions. Concluding reflections suggest considerations for organizations considering international exchanges for staff members “at home in the world.” © 2015, © The Author(s).

Todos estes trabalhos apresentam como denominador comum o facto de as bibliotecas académicas, e os seus profissionais, estarem a viver num contexto de mudanças, onde se verifica uma adaptação incontornável às Tecnologias de Informação e Comunicação, bem como mudanças na configuração do seu espaço, programas e serviços bibliotecários, exigindo-se um novo perfil profissional dos seus colaboradores.

É também neste sentido que apontam as reflexões de Kenney e Li (2016, p. 9) ao afirmarem:

To remain relevant in a global university, research libraries need to shift from a supporting role to a participating one. This means moving beyond assembling world area collections, waiting for students to come to the library or locate Lib-Guides, ensuring access to resources, providing one-shot send-off or welcome orientations, and offering instruction sessions that do not differentiate between domestic and international students’ needs. Engagement requires seeking out international students, identifying needs specific to them, and addressing their pain points.

Neste intuito de mudança de posicionamento, propõem algumas iniciativas para as bibliotecas académicas, incluindo procurar compreender os condicionalismos específi-

cos dos estudantes internacionais, promover a colaboração com outros serviços de índole administrativa para melhor acolher esses estudantes ou assumir a internacionalização como uma responsabilidade das bibliotecas académicas.

A International Federation of Library Associations and Institutions (IFLA), desde finais do século XX, também presta especial atenção à ação das bibliotecas em ambientes multiculturais, onde cabe o papel das bibliotecas académicas para a internacionalização das instituições de ensino superior. Neste âmbito, entre outros, cabe destacar a publicação *Multicultural Communities: Guidelines for Library Services* (IFLA, 2009), uma terceira atualização de um documento de 1982, orientada para o apoio a serviços bibliotecários linguisticamente e culturalmente diversos, em cada contexto específico.

A American Library Association (ALA) é outra instituição que assume o apoio à internacionalização das bibliotecas como uma das suas missões, apoiando-as no estabelecimento de objetivos relacionados com esta matéria. Para o efeito, edita publicações que apresentam casos reais e resultados de inquéritos a bibliotecários de instituições de ensino superior. No início de 2019, publicou um extenso trabalho sobre a internacionalização das bibliotecas académicas, apresentando reflexões e casos práticos de bibliotecas norte-americanas com iniciativas pioneiras no apoio à globalização das instituições de ensino superior, com enfoque para o acolhimento dos estudantes estrangeiros (LUCKERT, CARPENTER, 2019).

Como vemos a partir da revisão da literatura, a internacionalização das bibliotecas académicas é um campo de ação e de estudo emergente que tem sido explorado essencialmente no contexto anglo-saxónico, havendo poucos estudos exteriores a este cenário. No sentido de contribuirmos para esta temática a partir de um outro posicionamento geográfico e cultural, iremos apresentar os resultados de um estudo piloto sobre a internacionalização de oito bibliotecas académicas portuguesas. Antes de passarmos à apresentação da metodologia e dos resultados, iremos deter-nos brevemente sobre a caracterização do sistema de ensino superior português e sobre o lugar da internacionalização nas suas bibliotecas académicas.

#### **4 AS BIBLIOTECAS DE ENSINO SUPERIOR EM PORTUGAL E A INTERNACIONALIZAÇÃO**

O ensino superior português é configurado por um sistema binário, que integra o ensino universitário e o ensino politécnico, tal como definido pela Lei de Bases do Sistema Educativo, na redação da Lei 46/86, alterada pela Lei n.º 115/97 e pela Lei 49/2005 (Lei n.º 46/86 da Assembleia da República, 1986; Lei n.º 115/97 da Assembleia da República, 1997; Lei n.º 49/2005 da Assembleia da República, 2005). Tanto as instituições universitárias como as instituições politécnicas, podem ser de índole pública ou privada. Formalmen-

te, o ensino universitário deve estar orientado para a investigação e a criação do saber científico e cultural enquanto o ensino politécnico está focado na investigação aplicada e criação do saber de natureza profissional. Contudo, na prática, esta distinção é bastante difícil de descortinar porque o posicionamento de ambos os sistemas se sobrepõem frequentemente. Neste cenário, o papel das bibliotecas no contexto das universidades e dos politécnicos não parece apresentar diferenças significativas, enquadrando-se nas designadas bibliotecas académicas ou bibliotecas do ensino superior.

Tal como sublinhado por Saraiva (2013), as bibliotecas do ensino superior constituem estruturas de apoio às instituições de ensino onde se inserem, estando ligadas à sua génese e acompanhando o seu desenvolvimento. Assim, em Portugal, foi essencialmente nas décadas de setenta, oitenta e noventa do século passado que se assistiu ao desenvolvimento das bibliotecas académicas como estruturas essenciais de suporte ao processo de ensino-aprendizagem e à investigação, acompanhando o crescimento do número de instituições de ensino superior, públicas e privadas.

Foi aliás, em 1992, que teve início o primeiro projeto de cooperação entre bibliotecas de várias universidades portuguesas, a Rede Universitária de Bibliotecas e Informação (RUBI), sob a égide do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (CRUP). Contudo, apesar de diligências várias e mesmo da redação de um plano de ação, com intervenção de representantes destas bibliotecas, a RUBI nunca chegou a iniciar atividade formal (LEMOS, MACEDO, 2003). Apesar da falta de êxito, pode considerar-se que a RUBI foi a incubadora onde nasceu a ideia da B-on (Biblioteca Online do Conhecimento), componente essencial dos serviços de informação das instituições de ensino superior portuguesas na atualidade. Na opinião de bibliotecários que participaram no lançamento da RUBI, um dos fatores que contribuiu para o fracasso da iniciativa foi o facto de as bibliotecas não terem tradição de trabalho em cooperação (LEMOS, MACEDO, 2003).

Para a temática que nos interessa especificamente neste trabalho, a internacionalização das bibliotecas de ensino superior, este aspeto é muito relevante porque não existindo tradição nem propensão para a colaboração num contexto nacional, o estabelecimento de relações internacionais não encontra uma cultura favorável. Isto não significa que a perceção da importância da internacionalização das bibliotecas de ensino superior portuguesas não existisse porque, em 2003, Lemos e Macedo propunham já a implementação de consórcios internacionais, como uma das componentes essenciais para avançar frente à inércia.

Em 2007, Amante considerava a internacionalização como um elemento, entre outros, do contexto no qual as universidades se moviam e que tinha implicações para as suas bibliotecas e profissionais. Contudo, não inclui esta vertente nas áreas de parceria

entre bibliotecários e docentes, nem nas áreas privilegiadas de atuação das bibliotecas académicas que incidem nos serviços de informação, nas tecnologias de informação, na investigação, no desenvolvimento de coleções e na edição.

A visibilidade reduzida da temática da internacionalização das bibliotecas de ensino superior, com uma atenção essencialmente de ordem implícita continua a verificar-se alguns anos mais tarde. De facto, em dezembro de 2015, foram publicadas as *Recomendações para as bibliotecas de ensino superior em Portugal* (APBAD, 2016). O documento elaborado pelo Grupo de Trabalho das Bibliotecas do Ensino Superior (GT-BES), da Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas (BAD), resultou da reflexão conjunta de profissionais bibliotecários de várias instituições públicas e privadas. As recomendações são em número de dez focando quatro áreas de ação destes serviços de informação especializados: o apoio ao ensino e à aprendizagem, o suporte às atividades de investigação e de publicação científica, a gestão organizacional de parcerias e de projetos de colaboração entre bibliotecas bem como a conceção e disponibilização de serviços, sistemas e espaços orientados para a aprendizagem e uso de informação.

Assim, as Recomendações definem como missões das bibliotecas de ensino superior

- Reafirmar a relevância das competências de literacia da informação na comunidade académica;
- Desenvolver competências dos profissionais das bibliotecas para apoio às atividades de ensino e aprendizagem;
- Apoiar projetos editoriais de publicação académica e científica;
- Assegurar repositórios institucionais alinhados com os padrões de interoperabilidade e preservação;
- Criar serviços de apoio à gestão de dados científicos;
- Potenciar o papel da biblioteca no apoio à investigação;
- Fomentar parcerias com estruturas de apoio à comunidade académica;
- Promover e facilitar o acesso às fontes de informação;
- Reinventar e potenciar os espaços das bibliotecas;
- Aprofundar redes de colaboração entre profissionais e instituições.

Não havendo uma abordagem direta e explícita à questão da internacionalização das bibliotecas, podemos considerar que as iniciativas nesta área ficam abrangidas pela recomendação de aprofundar as redes de colaboração, as quais podem decorrer não só em contexto nacional, mas igualmente internacional. Aliás, isso mesmo é referido na identificação de boas práticas por parte de dez bibliotecas que responderam a um inquérito sobre boas práticas relacionadas com estas Recomendações (SANCHES, COSTA, 2017,

p. 224). Adicionalmente, pode considerar-se que, no apoio à investigação bem como no fomento de parcerias com estruturas de apoio à comunidade académica, podem caber atividades de internacionalização já que a cooperação com bibliotecas congéneres no estrangeiro tem potencialidades para apoiar a investigação e pode materializar-se em parcerias de apoio mais abrangente à comunidade académica.

## **5 METODOLOGIA**

O objetivo do presente trabalho é apresentar a análise dos dados de um conjunto de entrevistas realizadas aos responsáveis de seis bibliotecas do Instituto Politécnico do Porto e de duas bibliotecas da Universidade do Porto (Escola Superior de Educação, Escola Superior de Estudos Industriais e de Gestão, Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo, Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto e Instituto Superior de Engenharia do Porto) e duas da Universidade do Porto (Faculdade de Ciências e Faculdade de Desporto). A escolha destas bibliotecas decorreu de fatores de conveniência, em especial da disponibilidade dos seus responsáveis para concederem uma entrevista.

As entrevistas serviram para identificar as atividades de internacionalização existentes nestes serviços de informação, os seus projetos futuros neste âmbito, a participação dos seus profissionais em ações de mobilidade e a sua opinião sobre a temática da internacionalização das instituições de ensino superior e das bibliotecas académicas. Com estas entrevistas, pretendia-se essencialmente identificar os aspetos que são do interesse e que constituem preocupação em matéria de internacionalização para os responsáveis de serviços de informação de instituições do ensino superior.

Esta abordagem insere-se na continuidade de um trabalho de levantamento e análise sobre as estratégias de internacionalização das universidades espanholas realizado, desde 2015, por um grupo de investigadores do Instituto Universitario de Evaluación (IUE), da Universidade Complutense de Madrid (Espanha). Pretendeu-se com o estudo aqui apresentado alargar essa abordagem a Portugal, na vertente específica do papel das bibliotecas académicas.

Em termos metodológicos, este primeiro questionário foi concebido por um grupo de investigadores do IUE, a partir de um outro já validado na Austrália, realizado por Linda Becker(2006b). Este incluía perguntas sobre sete áreas relacionadas com a internacionalização: a estratégia de internacionalização da universidade e da biblioteca; a participação e as atividades dos colaboradores da biblioteca relacionadas com iniciativas de internacionalização e os tipos de mobilidade realizada; as relações da biblioteca com outros serviços ou departamentos da universidade que estejam envolvidos em iniciativas de internacionalização; o conhecimento dos bibliotecários sobre os interesses dos estudan-

tes estrangeiros que estudam na sua instituição; o conhecimento dos bibliotecários sobre as necessidades de informação dos docentes e investigadores ou grupos de investigação, portugueses e estrangeiros, que utilizam os recursos da biblioteca, em suporte digital ou outros; e a possibilidade de usar o financiamento da biblioteca para iniciativas relacionadas com a internacionalização. Além destas, foram ainda colocadas duas perguntas abertas para que os entrevistados exprimissem a sua opinião sobre a importância do papel da biblioteca na concretização dos objetivos relacionados com a internacionalização e para que o responsável pela biblioteca pudesse indicar como concebe a estratégia de internacionalização do seu serviço.

No total, o questionário incluía 32 perguntas, as quais apesar de apresentarem opções de resposta alternativas ou serem de escolha múltipla, incluíam sempre um campo de comentários, deixando a possibilidade de o entrevistado sublinhar, esclarecer ou desenvolver algum aspeto que considerasse relevante. As entrevistas foram realizadas nas instalações das bibliotecas participantes, com uma duração média de 60 minutos. Os dados recolhidos foram sistematizados num ficheiro *Excel*, incluindo as opções de respostas fechadas e os comentários dos entrevistados a cada uma das perguntas. Para respeitar o anonimato das bibliotecas envolvidas, na apresentação dos resultados, optou-se por identificar cada uma das bibliotecas participantes com letras do alfabeto grego.

Deveremos ainda sublinhar que esta recolha de dados foi uma etapa preliminar para conceber um questionário que será aplicado em termos internacionais, no intuito de avaliar o conhecimento sobre a temática da internacionalização, no âmbito das bibliotecas académicas e as atividades que estão a ser desenvolvidas nestes serviços de informação, em vários países. Com efeito, pretendia-se com a aplicação deste questionário depurar este instrumento de recolha de dados de modo a adaptá-lo a uma distribuição mais alargada.

## **6 A INTERNACIONALIZAÇÃO NAS BIBLIOTECAS DO INSTITUTO POLITÉCNICO DO PORTO E DA UNIVERSIDADE DO PORTO: RESULTADOS PRELIMINARES**

### **6.1 ESTRATÉGIA**

O primeiro bloco de perguntas incluía três questões relativas à estratégia da biblioteca e da instituição de ensino no seu todo. Assim, na primeira pergunta (Q1), destinada a averiguar se, na missão geral da instituição de ensino, existia alguma referência à estratégia de internacionalização definida pela Comissão Europeia em 2013 (COMISSÃO EUROPEIA, 2013), todos os entrevistados responderam afirmativamente. Já na pergunta seguinte, sobre a existência de um plano estratégico específico da própria biblioteca (Q2), verificou-se

que este não existia em nenhuma delas. Ainda assim, a biblioteca Zeta indicou que o seu plano estratégico está definido no plano estratégico geral da sua unidade orgânica. Apesar de as bibliotecas estudadas não terem plano estratégico, todas têm definida a sua missão.

A terceira pergunta deste grupo procurava averiguar em que medida a internacionalização era considerada no plano estratégico da biblioteca (Q3). Para o efeito, os entrevistados podiam escolher três opções: a internacionalização está incluída nas cinco primeiras prioridades do plano estratégico, a internacionalização está incluída no plano estratégico, mas não consta das cinco primeiras prioridades e a internacionalização não é abordada no plano estratégico. Nenhuma biblioteca assinalou a inclusão da internacionalização nas cinco prioridades do plano estratégico, esclarecendo que não dispunham de tal documento, ainda que tenham a sua missão definida (bibliotecas Beta, Omega, Psi e Qui) e objetivos (biblioteca Qui). Já as bibliotecas Csi e Zeta indicaram que a internacionalização consta do plano estratégico pelo qual se guiam, ainda que não seja específico dos seus próprios serviços pois abrange toda a sua unidade orgânica. Note-se ainda que a biblioteca Beta esclareceu que recebe estudantes Erasmus e a biblioteca Gama indicou igualmente a existência de estudantes brasileiros e romenos.

## 6.2 RECURSOS HUMANOS

A primeira pergunta deste grupo procurava identificar o papel que os entrevistados consideravam adequado os bibliotecários terem na estratégia de internacionalização da sua instituição de ensino superior (Q4). Para o efeito, eram propostas cinco opções, dando-se também a hipótese de indicar outras alternativas. Assim, seis consideraram que o bibliotecário deveria ter experiência em atividades de intercâmbio. Oito bibliotecas assinalaram a opção relativa à frequência de conferências, congressos e seminários internacionais, com a biblioteca Omega a sublinhar a importância deste tipo de eventos para o intercâmbio com outros países europeus e a biblioteca Csi a referir a possibilidade de assistir a estes eventos com financiamento do programa Erasmus. A colaboração com bibliotecas de outros países foi assinalada por todos os entrevistados, com a biblioteca Omega a indicar que os projetos de mobilidade de recursos humanos e a partilha de financiamento são essenciais neste âmbito. O domínio de outras línguas foi uma opção escolhida por todos os entrevistados, com a responsável da biblioteca Omega a sublinhar a relevância da fluência em inglês. A experiência em projetos de cariz internacional/multicultural foi considerada relevante por seis dos participantes. Na opção “outras”, a biblioteca Alfa considerou importante o apoio aos estudantes estrangeiros.

A pergunta seguinte destinava-se a identificar que tipo de colaboradores participavam em ações de internacionalização (Q5). Seis indicaram os responsáveis pelos serviços

centrais das bibliotecas, quatro indicaram os responsáveis por cada uma das bibliotecas, quatro também indicaram os catalogadores, três referiram os responsáveis pelas aquisições e outros três indicaram os responsáveis pelos serviços de empréstimo e sala de leitura. Face a estes resultados, constata-se que três bibliotecas indicaram que todos os colaboradores devem participar em ações de internacionalização porque escolheram todas as opções apresentadas. As restantes cinco bibliotecas apresentam uma visão mais restritiva da participação dos seus colaboradores nas ações de internacionalização.

Procurou-se também saber se aspetos relativos à internacionalização eram valorizados na seleção dos colaboradores das bibliotecas (Q6). A experiência em atividades de internacionalização foi assinalada apenas por duas bibliotecas enquanto a participação em conferências, congressos e seminários internacionais foi escolhida por cinco dos entrevistados. Já a colaboração internacional com bibliotecas de outros países foi escolhida por três bibliotecas. O domínio de outras línguas foi assinalado por seis, com enfoque dado ao inglês pelas bibliotecas Beta e Qui. Por seu lado, as bibliotecas Omega e Gama, sublinhando a importância das línguas estrangeiras, indicaram que não se tinha em conta este requisito. Por fim, a experiência em projetos de âmbito internacional/multicultural foi selecionada por quatro bibliotecas. Com estes dados, é possível verificar que apenas duas bibliotecas conferem acentuada importância a aspetos de internacionalização na seleção dos seus colaboradores pois foram as que escolheram todas as opções apresentadas.

### 6.3 PARTICIPAÇÃO DOS COLABORADORES DA BIBLIOTECA EM ATIVIDADES DE INTERNACIONALIZAÇÃO

A participação dos colaboradores da biblioteca em atividades de internacionalização foi objeto de quatro perguntas. Assim, perguntou-se se, no conselho consultivo da biblioteca, em que participam professores e estudantes, estava definida alguma função relacionada com a internacionalização (Q7). Apenas a biblioteca Csi indicou que existia um conselho consultivo presidido pelo diretor da biblioteca, que é vice-diretor da faculdade, mas não especificou a existência de funções relativas à internacionalização.

Na pergunta seguinte, solicitava-se que fosse indicado se os bibliotecários participavam em órgãos da instituição de ensino superior onde fossem tratados aspetos relacionados com a internacionalização (Q8). As bibliotecas Qui e Omega responderam afirmativamente enquanto a biblioteca Beta, respondendo negativamente, indicou que as questões de internacionalização são tratadas pelo serviço dedicado a esta matéria em exclusivo.

As bibliotecas participantes foram também questionadas acerca da sua colaboração em ações de internacionalização desenvolvidas pela instituição de ensino superior

(Q9). As bibliotecas Gama, Psi e Csi confirmaram a sua participação referindo que todos os colaboradores podiam usufruir de bolsas Erasmus. Por seu lado, a biblioteca Zeta indicou que apenas o responsável pelo serviço usufruía destas bolsas, enquanto a biblioteca Qui referiu que esporadicamente participavam em iniciativas do género.

Por fim, neste tópico, pretendeu saber-se se nos últimos três anos o envolvimento das bibliotecas nestas atividades tinha aumentado (bibliotecas Beta e Gama), mantido (bibliotecas Alfa, Omega e Psi) ou diminuído (biblioteca Zeta) (Q10).

#### 6.4 ATIVIDADES DE INTERNACIONALIZAÇÃO DA BIBLIOTECA

O questionário aplicado procurou também averiguar quais as atividades de internacionalização desenvolvidas pela própria biblioteca. Assim, os entrevistados foram questionados acerca dos serviços e atividades de internacionalização oferecidas pela biblioteca aos estudantes estrangeiros (Erasmus, Erasmus Mundus, etc), havendo a possibilidade de escolha de cinco opções (visitas programadas à biblioteca, informação sobre os serviços da biblioteca, guias da biblioteca em várias línguas, informação sobre as coleções digitais e impressas e informação sobre cursos de português para estrangeiros) ou da indicação de outros (Q11). Todos indicaram que organizavam visitas guiadas, a pedido do gabinete de relações internacionais (bibliotecas Alfa, Beta, Csi e Zeta) ou sem programação prévia (bibliotecas Omega e Gama). A biblioteca Psi referiu que realiza estas visitas no início do 1º e do 2º semestres ou a pedido de pequenos grupos de estudantes, à semelhança da biblioteca Qui. Todas as bibliotecas escolheram a opção indicando disponibilizarem informação sobre os seus serviços, mas nenhuma tem guias em várias línguas, à exceção da biblioteca Beta que indicou ter informação em inglês no sítio web. A informação sobre as coleções digitais e impressas também é disponibilizada por todas as bibliotecas. Nenhuma biblioteca fornece informação sobre cursos de português para estrangeiros, tendo sido afirmado que esse assunto é tratado pelo gabinete de relações internacionais.

Na pergunta seguinte, procurava-se saber se a biblioteca oferecia algum serviço orientado para os estudantes portugueses que vão estudar para o estrangeiro, dando como opções fornecer informação sobre guias de cursos em língua estrangeira, guias sobre serviços para os estudantes que saem, guias sobre o inglês como segunda língua ou guias de cursos de línguas estrangeiras e outros (Q12). Nenhuma das opções foi assinalada pelos entrevistados que referiram sistematicamente tratar-se de assuntos do gabinete de relações internacionais.

## 6.5 ATIVIDADES DE COOPERAÇÃO DA BIBLIOTECA

O quinto grupo de perguntas incidia sobre a cooperação da biblioteca com outros serviços da instituição de ensino superior a atuar na área da internacionalização. Assim, uma pergunta inquiria sobre existência de cooperação entre a biblioteca e o departamento de línguas estrangeiras da universidade ou do instituto politécnico (Q13). As bibliotecas Beta, Omega e Gama responderam afirmativamente: a primeira referiu que existiam protocolos com o departamento de línguas para obterem publicações periódicas, enquanto a segunda também referiu este aspeto acrescentando que eram dadas facilidades para a frequência de cursos de línguas. Por seu lado, a biblioteca Gama salientou a facilidade para o empréstimo interbibliotecário. Já as restantes bibliotecas (Alfa, Zeta, Psi, Csi e Qui) responderam negativamente, havendo duas que remeteram para o gabinete de relações internacionais.

A pergunta seguinte pretendia averiguar se existia alguma cooperação com o departamento de inglês, como segunda língua (Q14). A biblioteca Omega respondeu afirmativamente indicando que havia um relacionamento com a área de línguas estrangeiras para a formação dos colaboradores do serviço. A biblioteca Gama especificou que havia relações com um centro de investigação para o desenvolvimento da cultura internacional, para o empréstimo interbibliotecário e no apoio à realização de conferências mensais no espaço da própria biblioteca, mas dinamizadas por esta unidade de I&D. Neste grupo, a pergunta Q15 foi desconsiderada porque no decurso da aplicação do questionário se verificou sobreposição com a pergunta Q13.

Passaremos, portanto, à análise da pergunta Q16 que abordava a existência de cooperação com bibliotecas estrangeiras. Apenas três bibliotecas responderam afirmativamente. A biblioteca Omega indicou a existência de alianças com bibliotecas alemãs, francesas e com a biblioteca da Universidade de Santiago de Compostela. A biblioteca Qui referiu cooperar com bibliotecas do Brasil e de Moçambique enquanto a biblioteca Csi aludiu aos protocolos com bibliotecas estrangeiras através do programa Erasmus.

## 6.6 ESTUDANTES

A pergunta Q17 destinava-se a saber se a biblioteca tinha conhecimento do número de estudantes estrangeiros a frequentar o seu espaço e a usar os seus serviços. Houve seis bibliotecas (Alfa, Beta, Gama, Zeta, Psi e Csi) a indicar que não tinham esses números, mas que podiam obtê-los junto do Serviço de Informática pois estavam disponíveis na aplicação. Já as bibliotecas Omega e Qui indicaram que não tinham forma de obter esses dados. A questão seguinte visava saber se biblioteca dispunha de uma listagem com a nacionalidade dos seus utilizadores de origem estrangeira (Q18). Todas as bibliotecas res-

ponderam afirmativamente, exceto as bibliotecas Qui e Csi, as quais indicaram, contudo, que podiam obter esses dados mediante pedido.

A pergunta Q19 pretendia averiguar se a biblioteca realizava atividades com o serviço destinado a acolher os estudantes estrangeiros na instituição. As bibliotecas Gama, Zeta e Csi responderam afirmativamente, mas apenas a última especificou que organizava visitas guiadas aos estudantes estrangeiros em parceria com o Gabinete de Relações Internacionais. As restantes bibliotecas deram uma resposta negativa, mas esclareceram que podiam colaborar pontualmente em ações que fossem solicitadas pelo serviço responsável pelos assuntos internacionais.

A existência de colaboradores da biblioteca dedicados ao atendimento de estudantes estrangeiro constituía o enfoque da pergunta Q20. Em caso afirmativo, solicitava-se a indicação do número de funcionários. Todas as bibliotecas responderam positivamente, havendo quatro delas (bibliotecas Beta, Zeta, Psi e Csi) a indicarem que todos os colaboradores atendiam estes utilizadores. A biblioteca Psi acrescentou que existia igualmente um docente que dava apoio nesta área. As bibliotecas Alfa e Omega indicaram que existiam dois colaboradores com funções nesta área. Já a biblioteca Gama referiu que os estudantes estrangeiros eram atendidos exclusivamente pela responsável da biblioteca.

A última pergunta deste grupo inquiria se os bibliotecários usavam o inglês para comunicar com os estudantes estrangeiros (Q21). Todos os responsáveis indicaram que sim, com o detalhe de que recorriam à língua portuguesa para interagir com os estudantes espanhóis. A responsável pela biblioteca Gama especificou que, no seu serviço, em cinco colaboradores, apenas três falavam inglês.

## 6.7 PROFESSORES E INVESTIGADORES

O sétimo grupo de perguntas focava aspetos relativos aos serviços oferecidos pela biblioteca aos seus investigadores para acederem a conteúdos publicados noutros países ou para facilitarem as suas iniciativas de internacionalização bem como os serviços disponibilizados a investigadores estrangeiros ligados à instituição de ensino superior. Assim, a pergunta Q22 inquiria sobre o conhecimento de investigadores estrangeiros a frequentarem a biblioteca. As bibliotecas Omega e Csi referiram ter acesso a esses dados, sublinhando que era diminuto o número de investigadores estrangeiros. As restantes bibliotecas indicaram não ter esses dados e a biblioteca Beta esclareceu que só recebiam pontualmente investigadores estrangeiros enquanto a biblioteca Psi referiu não ter investigadores oriundos de outros países.

Já a pergunta Q23 abordava o conhecimento que a biblioteca tinha das linhas de pesquisa exploradas pelos investigadores da entidade à qual pertenciam. As bibliotecas Beta, Gama e Zeta responderam que tinham um conhecimento informal dessas áreas de pesquisa. Já as restantes bibliotecas referiram não ter essa informação, com a biblioteca Csi a especificar que não dispunha de recursos humanos suficientes para fazer esse levantamento. A questão seguinte destinava-se a saber se a biblioteca tinha estratégias para a recolha de conteúdos publicados no estrangeiro e se os conseguia difundir de modo seletivo (Q24). Apenas as bibliotecas Alfa e Qui responderam de forma negativa. As bibliotecas Beta, Omega, Gama e Zeta referiram a este propósito a existência da B-on Estas bibliotecas, bem como as bibliotecas Psi e Csi, indicaram disponibilizar alertas de informação.

A última pergunta deste grupo abordava o uso de redes sociais ou outras aplicações Web 2.0 por parte das bibliotecas para divulgarem as suas iniciativas de internacionalização (Q25). Houve quatro bibliotecas a responderem afirmativamente: a biblioteca Beta indicou ter página no Facebook e ISSUU com publicações, a biblioteca Gama referiu usar o Facebook, Orox e que pretendia passar a estar presente no Instagram e no LinkedIn, a biblioteca Qui também usa o Facebook, o Youtube e um chat para comunicar com os estudantes e professores e a biblioteca Csi usa igualmente o Facebook. As restantes bibliotecas responderam negativamente, com a biblioteca Zeta a indicar que não era permitido institucionalmente os serviços estarem individualmente presentes nas redes sociais e a biblioteca Psi a referir que pretendia criar página no Facebook.

## 6.8 FINANCIAMENTO

O grupo seguinte de perguntas abordava a temática do financiamento das bibliotecas, no sentido de averiguar a disponibilidade orçamental para realizar atividades de internacionalização. Neste âmbito, a pergunta Q26 inquiria as bibliotecas sobre o facto de terem alguma rubrica no seu financiamento destinada a iniciativas de internacionalização. As bibliotecas Zeta e Psi responderam afirmativamente indicando que, apesar de não terem financiamento próprio, podiam usufruir de verbas do programa Erasmus. Ao contrário, as restantes bibliotecas referiram que não têm financiamento para ações de internacionalização, essencialmente porque não têm orçamento próprio e todas as suas necessidades financeiras têm de ser autorizadas num nível hierárquico superior.

Na questão seguinte (Q27), procurava-se saber se as bibliotecas solicitavam verbas financeiras à direção da sua unidade orgânica ou ao governo para efeitos de internacionalização. As bibliotecas Psi e Csi indicaram que faz parte dos procedimentos pedir bolsas Erasmus à sua instituição mas que não fazem pedidos diretos ao governo. As restantes bibliotecas responderam negativamente. A pergunta Q28 inquiria sobre a existência de

rúbricas no orçamento da biblioteca para a participação em ações de mobilidade por parte dos seus colaboradores. As bibliotecas Beta, Zeta e Psi responderam afirmativamente, esclarecendo que apesar de não terem orçamento próprio costumavam pedir bolsas Erasmus ao serviço de relações internacionais. As outras cinco bibliotecas deram uma respostas negativa.

Na questão Q29, era perguntado se as bibliotecas dispunham de verbas suficientes para que os seus colaboradores participassem nas cinco variáveis relacionadas com a internacionalização e com que frequência. Quanto à primeira variável, experiência em atividades de intercâmbio internacional, as bibliotecas foram unânimes em responder que não, indicando que só existem verbas das bolsas Erasmus que são distribuídas pelo serviço competente na matéria na sua unidade orgânica. No que toca à frequência de conferências, congressos e seminários internacionais, também todas as bibliotecas responderam negativamente, com a biblioteca Qui a especificar que eram os colaboradores que tinham de custear a sua participação. Sobre a colaboração internacional com bibliotecas de outros países, apenas as bibliotecas Qui e Csi responderam positivamente. No que respeita ao conhecimento de línguas estrangeiras, as bibliotecas Psi e Csi indicaram que tinham verbas suficientes para o efeito. As restantes bibliotecas responderam de modo negativo, havendo casos em que essa formação é disponibilizada pelos serviços centrais da sua instituição. Já quanto à inclusão da biblioteca em projetos de âmbito internacional/multicultural, apenas a biblioteca Qui respondeu afirmativamente.

A pergunta Q30 destinava-se a saber quais os colaboradores com acesso a financiamento para ações de mobilidade. Sobre esta matéria, a biblioteca Alfa indicou que não existem verbas para o efeito e todas as restantes bibliotecas referiram que todos os colaboradores estão abrangidos, exceto no caso da biblioteca Psi onde apenas os responsáveis estão abrangidos.

A última deste grupo (Q31) procurava esclarecer se existia algum serviço de biblioteca da sua instituição que servisse de referência em matéria de internacionalização. Apenas duas bibliotecas responderam de modo afirmativo, com a biblioteca Qui a referir a *Business School* da sua instituição e a biblioteca Csi a remeter para uma escola de Engenharia e outra de Letras.

## 6.9 PERSPETIVAS PESSOAIS SOBRE INTERNACIONALIZAÇÃO DA BIBLIOTECA

O último grupo de perguntas, incluía duas questões abertas. A primeira (Q32) estava formulada nestes termos “qual pensa ser o papel da biblioteca na internacionalização da sua instituição de ensino superior?”. No quadro seguinte, estão sistematizadas as respostas obtidas em cada uma das bibliotecas.

**Quadro 1** - O papel da biblioteca na internacionalização das instituições de ensino superior (Q32)

Biblioteca Alfa	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Acolher estudantes e investigadores estrangeiros</li> <li>• Pesquisa de informação em plataformas digitais</li> </ul>
Biblioteca Beta	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apoio a estudantes e professores Erasmus com formações específicas na biblioteca</li> <li>• Ações de mobilidade</li> <li>• Trabalho colaborativo com outras bibliotecas da sua instituição</li> <li>• Produzir guias tutoriais</li> <li>• Desenvolver uma estratégia conjunta com outras bibliotecas da sua instituição</li> </ul>
Biblioteca Omega	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Disponibilizar obras de outros países</li> <li>• Criar um espaço para estudantes estrangeiros</li> <li>• Mobilidade dos colaboradores</li> <li>• Promover ações de formação em grupo</li> <li>• Disponibilizar informação bilingue sobre a biblioteca (português e inglês)</li> </ul>
Biblioteca Gama	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Incluir a biblioteca no plano estratégico da instituição</li> <li>• Disponibilizar formação para utilizadores estrangeiros</li> </ul>
Biblioteca Zeta	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ser ativa com estudantes e professores/investigadores estrangeiros</li> <li>• Domínio de línguas</li> <li>• Conhecimento de culturas</li> </ul>
Biblioteca Psi	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apoio a todos os investigadores para publicação em revistas estrangeiras</li> <li>• Apoio à instituição para melhoria do seu posicionamento nos rankings</li> <li>• <i>Staff training</i></li> <li>• Acesso a cursos digitais e presenciais</li> </ul>
Biblioteca Qui	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Papel muito importante com estudantes e investigadores estrangeiros</li> <li>• Abertura a outros países</li> <li>• Fazer atividades com estrangeiros</li> <li>• Traduzir para inglês a página web da biblioteca</li> </ul>
Biblioteca Csi	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Projetos de intercâmbio e intercâmbio de experiências</li> <li>• Participação em programas destinados a estudantes estrangeiros</li> <li>• Proporcionar mais serviços para estudantes estrangeiros</li> </ul>

**Fonte:** Autoras

As respostas dos entrevistados foram bastantes díspares, mas há alguns aspetos que foram recorrentemente abordados evidenciando a partilha de algumas noções relacionadas com o tipo de intervenção que a biblioteca académica pode desempenhar no processo de internacionalização da instituição de ensino superior à qual está vinculada.

Assim, todas as bibliotecas, exceto uma, referiram o acolhimento especificamente direcionado para estudantes e investigadores estrangeiros. Assim, os entrevistados parecem pressupor que este grupo de utilizadores apresenta necessidades particulares e que os serviços da biblioteca devem ter em conta essas necessidades e criar respostas adaptadas. Contudo, não parece haver uma consciência muito exata de quais são essas necessidades, havendo certamente um trabalho de levantamento a realizar de modo a criar uma base sustentada de conhecimento sobre este grupo de utilizadores. Também a participação em projetos de intercâmbio, de colaboradores e de experiências, se apresenta como uma componente frequentemente associada ao conceito de internacionalização. Para o efeito, sublinha-se a realização de ações de mobilidade de colaboradores ou o trabalho colaborativo com outras instituições.

A pergunta final do questionário solicitava uma definição de internacionalização no contexto do ensino superior (Q33). As respostas obtidas estão sistematizadas no quadro abaixo.

**Quadro 2** - Sobre o conceito de internacionalização no contexto do ensino superior (Q33)

Biblioteca Alfa	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cooperação entre escolas e serviços de relações internacionais para haver mais estudantes e professores estrangeiros.</li> </ul>
Biblioteca Beta	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mais mobilidades de intercâmbio de estudantes, professores e funcionários.</li> <li>• Mais divulgação do ensino da língua portuguesa.</li> <li>• Estratégias comuns a todas as escolas.</li> <li>• Formação online, a exemplo de um curso online sobre o Office promovido por uma docente da instituição.</li> </ul>
Biblioteca Omega	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Aulas em inglês.</li> <li>• Mobilidade de estudantes.</li> </ul>
Biblioteca Gama	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Atrair estudantes de África (Angola), do Brasil e de toda a América Latina, bem como da Roménia.</li> <li>• Mobilidade de estudantes, docentes e outros colaboradores.</li> <li>• Incluir a língua inglesa nos cursos.</li> </ul>
Biblioteca Zeta	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A internacionalização deve ser um objetivo competitivo.</li> <li>• Criar projetos de investigação online para colaboração de vários países.</li> <li>• Realização de congressos internacionais.</li> </ul>

Biblioteca Psi	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Visibilidade internacional.</li> <li>• Mais publicações em revistas com fator de impacto.</li> <li>• Os investigadores devem participar em projetos de colaboração com instituições estrangeiras.</li> <li>• Criar serviços de qualidade em inovação.</li> </ul>
Biblioteca Qui	<ul style="list-style-type: none"> <li>• É um objetivo essencial.</li> </ul>
Biblioteca Csi	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Atrair estudantes estrangeiros.</li> <li>• Aumentar o número de projetos de intercâmbio de estudantes e de profissionais.</li> <li>• Promover a instituição no estrangeiro.</li> </ul>

Fonte: Autoras

Analisando os dados do Quadro 2, constata-se que os entrevistados não formularam uma definição de conceito de internacionalização, preferindo referir elementos que podem configurar este conceito, repetindo tópicos que já haviam enunciado na resposta à pergunta anterior. Ainda assim, poderemos sublinhar as ideias de cooperação, mobilidade, visibilidade internacional, estratégia e inovação. Neste sentido, a complexidade e a abrangência dos processos de internacionalização torna-se patente, deixando claro também a dimensão dos desafios enfrentados pelas bibliotecas académicas nesta área de ação.

## 7 CONCLUSÕES

Face aos resultados obtidos neste levantamento preliminar, podemos afirmar que as bibliotecas das instituições de ensino superior analisadas não constituem um serviço considerado estratégico na internacionalização da entidade na qual se integram. O seu papel está fundamentalmente orientado para a custódia e disponibilização de coleções documentais em suporte papel e em suporte digital.

Os entrevistados evidenciaram conhecer a estratégia da sua instituição, sublinhando que contempla a internacionalização, mas desconhecem o documento elaborado pela Comissão Europeia (2013). Todas estas bibliotecas têm definida a sua Missão, mas não existe em nenhuma alusão à temática da internacionalização. Contudo, todos deram bastante importância à participação do serviço que coordenam na estratégia de internacionalização da instituição no seu geral. Os aspetos que mais sublinharam incluíram dinamizar procedimentos para acolher os estudantes e investigadores/professores estrangeiros, incrementar os programas de mobilidade com bibliotecas de outros países e criar serviços de apoio para os investigadores publicarem em revistas científicas com impacto internacional, servindo deste modo para que as suas instituições melhorem o seu posicionamento nos rankings internacionais.

Os entrevistados foram igualmente unânimes ao afirmar que as suas instituições deveriam criar dinâmicas para atrair estudantes estrangeiros, fomentar a colaboração entre as bibliotecas e os serviços com alçada das relações internacionais e apoiar a participação dos seus investigadores em redes de pesquisa internacionais, incrementando a visibilidade da instituição no seu todo. Note-se que foi particularmente acutilante a observação da responsável pela biblioteca Zeta ao referir que a internacionalização deve ser encarada pela instituição como um objetivo competitivo.

Os responsáveis pelas bibliotecas têm formação académica relevante para a sua área de atuação profissional, mas existem outros colaboradores que carecem dessa formação. Na globalidade, os colaboradores das bibliotecas falam inglês, ainda que apresentem um nível de domínio desta língua bastante díspar. Os responsáveis pelas bibliotecas dominam de modo muito satisfatório o inglês.

Estes responsáveis não detêm autonomia para pôr em prática projetos de modo independente na medida em que devem expor as suas pretensões à direção da sua instituição. Esta situação é agudizada pelo facto de as bibliotecas não disporem de orçamento próprio, o que em certa medida as limita nas propostas de novos serviços para os utilizadores.

Em suma, poderemos afirmar que é muito diminuta a relevância das bibliotecas académicas no panorama da internacionalização das instituições de ensino superior. Com efeito, verifica-se uma cultura institucional que as entende essencialmente como um serviço operacional sem um desígnio estratégico. Este posicionamento implica uma análise crítica, considerando as iniciativas de entidades como a UNESCO, IFLA ou da Comissão Europeia que atribuem a estes serviços de informação um papel fundamental para o desenvolvimento do Espaço Europeu de Ensino Superior, para a internacionalização do ensino superior, para a formação contínua e para a investigação. Por outro lado, os bibliotecários responsáveis entrevistados neste estudo demonstraram interesse em aprofundar o seu conhecimento acerca da internacionalização e em participar de modo ativo na estratégia das instituições de ensino superior às quais pertencem, contribuindo para incrementar a sua visibilidade a nível nacional e internacional.

## REFERÊNCIAS

AMANTE, M. J. Bibliotecas universitárias: semear hoje para colher amanhã. Anais... CONGRESSO NACIONAL DE BIBLIOTECÁRIOS, ARQUIVISTAS E DOCUMENTALISTA, 9, 2007, Ponta Delgada, Portugal, Bibliotecas e Arquivos: informação para a cidadania, o desenvolvimento e a inovação: actas. Disponível em: <https://www.bad.pt/publicacoes/index.php/congressosbad/article/download/542/334>.

APBAD, G. T. B. E. S. **Recomendações para bibliotecas de ensino superior em Portugal**. Disponível em: [https://www.bad.pt/noticia/wp-content/uploads/2015/12/Recomendacoes\\_GT-BES\\_2016\\_final.pdf](https://www.bad.pt/noticia/wp-content/uploads/2015/12/Recomendacoes_GT-BES_2016_final.pdf).

BECKER, L. K. W. Internationalisation: Australian librarians and expanding roles in higher education. **Australian Academic and Research Libraries**, v. 37, n. 4, p. 200-220, 2006.

BECKER, L. K. W. Globalisation and Internationalisation: models and patterns of change for Australian academic librarians. **Australian Academic and Research Libraries**, v. 37, n. 3, p. 282-298, 2006.

BLISS, N. J. The emergence of international Librarianship as a field. **Libri**, v. 43, n. 1, p. 39-52, 1993.

BORDONARO, K., RAUCHMANN, S. Internationalization in German academic libraries: moving beyond north american perspectives. **Libraries and the Academy**, v. 15, n. 4, p. 677-697, 2015.

BROGAN, M. L. Trends in International education: new imperatives in academic librarianship. **College & Research Libraries**, v. 55, n. 3, p. 196-206, 1990.

BROWN, F. J. Universities in world-wide cultural cooperation. *In.*: M. M. Chambers (Ed.), **Universities of the world outside USA**, Washington: American Council on Education, p. 11-21, 1950.

COMISSÃO EUROPEIA. **Comunicação da Comissão ao Parlamento Europeu, ao Conselho, ao Comité Económico e Social Europeu e ao Comité das Regiões: O Ensino Superior Europeu no Mundo**, Bruxelas, 2013.

WIT, H. **Strategies for the internationalisation of higher education: a comparative study of Australia, Canada, Europe and the United States of America**. Amsterdam: European Association for International Education, 1995.

WIT, H. et al. **Internationalisation of higher education**. Brussels, 2015.

IFLA. **Multicultural communities**: guidelines for library services. Disponível em: <http://www.ifla.org/files/assets/library-services-to-multicultural-populations/publications/multicultural-communities-en.pdf> .

KENNEY, A. R., LI, X. **Rethinking academic libraries in the era of global universities**. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.18665/sr.283378> .

KERR, C. **Higher education cannot escape history**: issues for the twenty-first century. Albany: State University of New York Press, 1994.

KNIGHT, J. International race for accreditation: starts in cross-border education. **International Higher Education**, v. 4, p. 2-3, 2005.

KUTNER, L. Think locally, act globally: understanding home institution library engagement among study-abroad students. **College & Research Libraries**, v. 70, n. 2, 2009.

LEMOS, L. O. C., MACEDO, M. C. A cooperação entre as bibliotecas do Ensino Superior em Portugal: passado, presente e perspectiva futura. **Jornadas Porbase**: novos contextos para a cooperação, v. 9, Lisboa, 2003. Disponível em: <http://purl.pt/331/1/docs/comunicacao/11manha/acooperacaoentrebibliotecasdoensinosuperior.pdf> .

LUCKERT, Y., CARPENTER, L. I. **The Globalized library**: American academic libraries and international students, collections, and practices. Chicago: American Library Association, 2019.

MULLER, S. Globalisation of knowledge. *In*: HANSON, K. H., MEYERSON, J. W. **International challenges to american colleges and universities**: looking ahead. Phoenix: Oryx Press, 1994.

PORTUGAL. ASSEMBLÉIA da REPÚBLICA. Lei nº 46/86. **Diário da República**: 1ª série, n. 237, 1986. Disponível em: <https://dre.pt/application/file/222361>

PORTUGAL. ASSEMBLÉIA da REPÚBLICA. Lei nº 49/2005. **Diário da República**: 1ª série A, n. 166, 2005. Disponível em: <https://dre.pt/application/file/a/245260>

PORTUGAL. ASSEMBLÉIA da REPÚBLICA. Lei nº 115/97. **Diário da República**: 1ª série A, n. 217, 1997.

SANCHES, T., COSTA, M. T. Guidelines for Higher Education Libraries in Portugal. **Liber Quarterly**, v. 27, n. 1, p. 212-231, 2017.

SARAIVA, P. C. S. **Bibliotecas físicas ou virtuais? Reengenharia de espaços, serviços e competências nas bibliotecas universitárias do século XXI.** Universidade de Évora, 2013.

SOMERVILLE, M. M. et al. At home in the world: international library staff exchange program highlights. **IFLA Journal**, v. 41, n. 4, p 326-335, 2015.

WITT, S. W., KUTNER, L., COOPER, L. Mapping academic library contributions to campus internationalization. **College & Research Libraries**, v. 76, n. 5, p. 587-608, 2015

**Recebido/ Received: 15/03/2023**

**Aceito/ Accepted: 01/04/2023**

**Publicado/ Published: 30/04/2023**